

GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 18500, 8 mezes 15000, 4 mezes 500, Brazil 35000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador—SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os srs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.
Redacção—Rua dos Caldeiros, n.º 250

ANGEJA, 12 DE OUTUBRO DE 1887

SUMMARIO

Expediente.
Revista estrangeira.
Correspondencia do Pará!
Noticiario.

SCIENCIAS E LETTRAS

A nuvem (conto)—*Calulle Mendés.*
* * * (poesia)—*Custodio Guimarães.*
Saude (soneto)—*João da Cunha.*
A cicatriz (conto)—*Jeanne Thilda.*
Pobre Margarida! (conto)—*Antonio F. Campos.*
Recordações (poesia)—*A. A. S.*
Num theatro (poesia)—*Alberto da Rocha.*
Folhetim: A minha cyprestalica—*Custodio Guimarães.*

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos assignantes de Aveiro a finesa de enviarem a importancia da sua assignatura á rua do Espirito Santo, n.º 26, ao ex.º snr. José Martins de Pinho, que faz a esta redacção o obsequio de alli receber o dinheiro; e aos nossos dignos assignantes de Estarreja pedimos tambem o favor de enviarem o importe das suas assignaturas ao ex.º snr. Antonio Caetano Lopes da Fonseca, que de bom grado recebe essas importancias.

FOLHETIM

A MINHA CYPRESTALICA

(A ANTONIO LEÃO MARTINS)

Era em uma tarde de junho, dia mais proprio de canicula abrazadora que d'uma formosa quadra de S. João, temperada pelo ciclar languesciente do zephyro brando e suave, que nos reveste de irradiações idealistas. Carlos, um *viveur* desilludido, dava fim ao jantar, deixando-se cahir, ofegante, sobre o espaldar da poltrona, e limpando o continuo suor que lhe emergia do rosto, cahido n'uma das abstracções, em si vulgares, que o reportavam á tela enorme do passado, onde existe um *croquis*—a sua cyprestalica.

Esquecido assim de tudo, vagueando pelo recanto da sua eterna recordação, olvidara que devia o passeio do dia á companhia do amigo intimo que a todos os

Revista estrangeira

A entrevista do principe de Bismark com o presidente do conselho de ministros italiano, snr. Crispi, continua sendo o principal assumpto de que se occupa a imprensa estrangeira. Não admira que assim aconteça. Em todas as entrevistas d'esta ordem ha sempre a natural curiosidade de se saber quaes os seus motivos e a sua importancia politica.

Os jornaes liberaes italianos continuam insistindo que n'ella nada se tratará a favor do restabelecimento do poder temporal do Papa, nem mesmo d'uma maneira restricta, e que, além d'isso, ninguém pensa na Italia n'uma guerra de invasão contra a França em apoio da Alemanha, boato que alguns jornaes não duvidaram dar como um resultado da entrevista de Friedrichsrube.

Os jornaes avançados tiram partido das demonstrações catholicas que tem havido na Austria ultimamente a favor do poder temporal da Santa Sé, e atacam duramente a alliança da Italia com os dous imperios centraes, alliança que, como já dissemos, consideram contraria aos interesses da Italia e á causa da unidade nacional e do progresso.

Pela sua parte, os orgãos catholicos mostram-se bastante reservados, não occultando, porém, que a viagem de Crispi terá uma certa importancia sob o ponto de vista da questão da Santa Sé. Por este motivo a opinião geral inclina-se a crer que a entrevista de Friedrichsrube está relacionada com as tentativas do principe para conseguir uma especie de accordo entre o Vaticano e o Quirinal, e isto antes do jubileu sacerdotal de Sua Santidade Leão XIII.

momentos buscava lenitivo para a sua marmorea tristeza, e que, meia hora depois, o instava a que saísse.

A presença de Armando, o seu amigo, foi o quanto bastou para recuperar as forças exaustas pela ardencia da calma. Puzeram-se a caminho, e, mal dados os primeiros passos, encaram com o anémico—o homem póe e Deus dispõe.

O passeio estava planeado por entre a população que, nas grandes cidades, se acotovella de rua em rua, pelos *boulevards*; mas, um como que designio sobrenatural, embrenhou-os no campo, ora desfilando por entre copados sineiras e atravessando oiteiros sulcados de extensas geiras de trevo, orlado a cruciferas de toda a especie, ora por entre a pradaria, onde se ouvia o repercutor balar dos laniferos e o mugir roufenho dos ruminantes domesticos.

Armando, ao mesmo tempo que gosava as harmonicas bellezas naturaes, que se lhe desenrolavam á vista, esforçava-se por distrahir o amigo do terrivel segredo que o estiolava, o terrivel segredo que Carlos enigmaticamente revelava, mostrando dois miosotis presos por um sedoso cabello, pelas palavras—eis a minha cyprestalica.

Subiam uma colina, o que ha de mais pittoresco, quando, quasi em meio, os al-

Como se vé, nada ha por enquanto que dê uma ideia do que se passará em Friedrichsrube. Tudo incertezas, e tanto assim é que a imprensa ingleza entende que o principal fim da entrevista é para afirmar e consolidar a triplice alliança entre a Alemanha, Austria e Italia, ficando d'este modo a França e a Russia isoladas, o que constituirá uma garantia para não ser alterada a paz da Europa.

Entretanto uma outra questão surge no horizonte da politica europeia. As noticias das precauções tomadas pela Hespanha na previsão do que possa occorrer em Marrocos, tem causado tanto em Paris como em Londres e outras capitais uma certa surpresa e sensação.

Como é sabido, a França, que tem a Algeria, que tem o protectorado de Tunia, não deixa de fixar olhos cobizos no imperio de Marrocos. A Hespanha, que possui ali alguns pontos importantes como a historica Ceuta, conquistada aos mouros pelo nosso rei cavalleiro D. João I, não quer, em vista da sua missão historica, que outra potencia intervenha nos negocios internos d'aquelle imperio que se esphacela, e muito menos que se aposse do seu territorio. Sobre isto tem a diplomacia interposto a sua influencia, e o devido a este ou a outro qualquer motivo, a questão de Marrocos não tem passado de um assumpto secundario na politica europeia.

Agora, porém, as cousas não mostram o melhor aspecto no imperio marroquino, dizendo-se ter morrido o sultão e reinando uma certa agitação e intranquillidade que fazem recear acontecimentos de maior gravidade. A Hespanha, como mais visinha, mandou reforçar as suas praças de além do estreito, e, além d'isso, mandou reunir um corpo do exercito na Andaluzia, sem duvida para estar preparada para qualquer acontecimento imprevisto.

Estes preparativos causaram uma certa impressão em Paris, e um diplomata fran-

cez chegou a declarar que lhe parece impossivel que a Hespanha proceda isolada na questão de Marrocos, depois do que subscreeu na conferencia de Berlim em 1883 sobre a Africa, crendo, portanto, que a questão de Marrocos tomará um caracter verdadeiramente europeu. Certamente que assim succederá, pois são bastantes os olhos cobizos que se fixam sobre aquella parte da Africa que, depois de fazer parte do imperio romano e depois da conquista arabe, tantas vezes serviu de campo de batalha entre o predomínio christão e mahometano.

Já que nos achamos na Africa, poderemos de Marracos passar á Abyssinia, onde talvez não tarde a Italia a tomar a sua desforra do desastre de Saati.

Um jornal inglez, o «Morning Post», falando do conflicto aberto que existe entre a Italia e a Abyssinia e do boato de intervenção da Inglaterra, declara que o gabinete de Londres, apesar de não estar oficialmente authorisado a intervir como arbitro no conflicto abyssinico, no entanto não deixa de influir junto do negus para o induzir a dar plena satisfação á Italia, fazendo-lhe comprehender o perigo a que se expõe affrontando uma guerra contra uma potencia europeia.

O mencionado jornal inglez entende que as tropas italianas de Massuah tinham tido o direito de occupar Saati, a fim de ter quartéis de verão supportaveis, e que o morticínio de Dogati não foi mais que um acto de barbarie que a Italia não pôde deixar impune. Sem que esta opinião da folha ingleza tenha influido nos actos do governo italiano, o que é facto é que este está resolvido a tirar vingança do desastre de Dogati, fazendo todos os preparativos militares que a nova guerra que vai encetar exige. Produzirá, porém, a officiosa intervenção do gabinete britannico os resultados desejados? Evitará a guerra que se acha imminente? E' difficil dizel-o.

o quanto me opprime o teu soffrimento, extranho ao seu elemento.

—A minha historia, Armando, é curta, curtissima; mas triste como o symbolo sibyllino da implacavel Parca. A causa do meu penar, como o pôdes deprehender dos miosotis a que tantas vezes, com os olhos rasos de lagrimas, me tens ouvido chamar a minha cyprestalica, é a mulher. Para uns será um ente cheio de graça e sublimidade, um conjuncto de carnes que se espargem em volutas de candura, meiguice e bondade; para mim foi o remorso que gradualmente me acarreta a morte, é o phantasma que me enleia constantemente o espirito.

Deante de mim desenrolavam-se desolito primaveras—bons tempos!—e, na academia entre os meus condiscipulos e contemporaneos, era tido como o rapaz de mais *verbe* da actualidade, prompto para todas as proezas que immortalizam o estudante bohémico. Em breve, muito breve, era extranho a toda a casta de esturdios, assombro dos que então me rodeavam, e via-me entregue d'alma e coração a uma entidade que era o meu Deus, anjo bom, senhor—illusão de meus anhelos!...

Amava uma mulher loucamente, delirantemente, com o afan com que se ama uma só vez na vida.

Ai, Armando, como era ditoso quando,

—Oh! falla, Carlos, falla, não imaginas

Correspondencias

Pará, 28

Com quanto uma febre diabolica me não abandone ha oito dias vou dizer alguma cousa, já que tenho o vicio de não estar callado. Começaram já com incremento os trabalhos para a Kermesse que deve ter principio n'este mez. O lugar escolhido é optimo, espaçoso e fresco, attendendo e que deve ser grande a concorrência. Todas as sociedades procuram representar-se, já com donativos avultados, já dando concertos e espectáculos. As commissões ruraes téem tirado um grande producto, e hom é que assim seja, pois o fim é util.

Tem-se complicado bastante a questão concernente ao tal «Quartetto», que appareceu n'um dos hotéis d'esta cidade. A existencia do roubo é real; mas foi industrial e bem feito e deve ser difficil o conservarem na gaiola os taes meliantes a não ser que queiram ser envolvidas n'esse acto degradantes pessoas d'alguma representação.

O resultado ha de ser zero, se attendermos que aqui é esta a regra geral. Estiveram imponentes os festejos promovidos pela «Companhia de Bonds Paraenses» em honra ao dia sete de setembro, dia da independência do Brazil. A estação dos Bonds de S. João caprichosamente ornamentada tinha uma perspectiva soberba. No dia sete houve uma iluminação a giorno d'um effeito surprehendente, iluminação que se repetiu no dia oito.

Não finalizou a festa como devia. Depois da meia noite a Companhia parou com o serviço, e havendo ainda muito povo para retirar-se para a cidade, e querendo bonds para esse fim, a companhia procedeu doudamente exigindo por cada passagem quinhentos reis. O Zé considerou isto um abuso e o resultado foi ficar tudo em ruínas.

Nada escapou á furia popular. Bonds, bandeiras, postes, iluminações e até os queixos d'alguns fizeram parte d'estes destroços.

N'uma povoação vizinha deu-se ha dias um facto curiosissimo.

Um homem casado e com tres filhos tendo o mais velho nove annos, tinha em casa um bezerro que queria capar. Proce- deu-se á capação do animal sendo os tres pequenos testemunhas da operação.

Depois do trabalho feito o pae teve de sahir a negocios, e dois dos pequenos trataram de se combinar para capar o irmão mais velho. Dito e feito. Atiram-se ao outro, atam-no com cordas a um tronco e

zãs, capam o pobre rapaz. Não sei se devido á felicidade do pobre capado se á pericia juvenil dos operadores, quando o pae chegou, recebendo dos dois a noticia de que tinham capado seu irmão mais velho, foi encontra-o atado ainda, mas como nada se tivesse succedido.

Desgostoso pelo futuro triste do seu filho querido deu-lhe a liberdade desatando-lhe as cordas, e chamou os outros á correcção que bem mereciam.

—Fala-se já que deve ser imponente a festa que fazem em outubro á N. S.ª de Nazareth. A iluminação do largo já está contratada por seis contos de reis.

Nada mais ha digno de menção. Finalizo aqui e prometto que para a outra vez serei mais minucioso.

Alfredo A. Santos.

Noticiario

O exercicio de brigada.—O exercicio de brigada mixta que se realiso nas proximidades de Santo Thyrsso, correu regularmente, executando se o plano traçado pelo distincto official sr. Alfredo Ferreira de Magalhães, capitão de estado maior, servindo de major da brigada.

O local escolhido para as operações era apropriadissimo.

Os officiaes e a boa disciplina das praças auxiliaram muito o bom exito.

Todavia sentiu-se a falta d'uma boa organização de administração militar, que é um dos principaes elementos de guerra.

O conjunto de brigada era approximadamente de 1300 homens, 230 cavallos e muars, 8 peças e 7 viaturas.

Os soldados, passando a noite ao relento, sobre feixes de palha, cobertos apenas pelos capotes, levantavam-se e agrupavam-se em volta das fogueiras.

A tenda do quartel general, onde dormia o commandante da brigada, era assinalada por uma lanterna vermelha.

Adoeceram nove soldados de caçadores 9 que foram tratados na ambulancia. Recolheu tambem á ambulancia por se achar ligeiramente indisposto, o tenente de caçadores 9, sr. Peixoto.

Na occasião em que funcionavam as estações telegraphicas, um caçador disparou um tiro de chumbo, acertando nos telegraphistas Cunha e Barbosa, 2.º sargentos de infantaria 10 e no 2.º sargento de infantaria 13, Araujo. O chumbo, que ia frio, não os magoou.

Durante uma carga, cahiu conjunctamente com um cavallo, um soldado de cavalaria 10. Foi atropellado pelos cavallos das outras fileiras, ficando muito maltratado. Recolheu ao hospital de Santo Thyrsso.

As manobras foram commandadas pelo illustre general sr. Cyrillo Machado, que mais uma vez mostrou as suas incontesteis aptidões.

Eschola medica do Porto.—

Vae ser regida pelo dr. Rodrigues da Silva Pinto a cadeira de hygiene, de que era professor o dr. Ayres de Gouveia; a de clinica medica, pelo dr. Azevedo Maia; e a de physiologia, pelo dr. Urbino de Freitas.

«Revista dos tribunaes».—

Está publicado o quinto volume da «Revista dos tribunaes», de que são redactores e proprietarios os illustres e considerados juriconsultos srs. drs. Augusto Maria de Castro e Antonio Ferreira Augusto.

Como se sabe, esta publicação é um preciosissimo consultorio forense, que todo o pessoal judiciario deve possuir.

Mazantini em Lisboa.—

Está marcada para o dia 20 a brilhante tourada em Lisboa, promovida pelas srs. duquezas de Palmella e condessa do Ficalho, e pelo sr. José Ribeiro da Cunha, em beneficio do hospital da Senhora da Saude.

N'esta tourada toma parte o celebre toureiro hespanhol, espada Mazantini, que pela primeira vez visita com a sua «cuadrilla» Portugal.

Dr. Franchini.—

Partiu para Paris, onde vae estudar a organização dos hospitaes, o distincto clinico sr. Julio Estevão Franchini.

El-rei D. Luiz.—

Sua magestade foi eleito presidente honorario da Sociedade da juventude Iberica, installada em Madrid.

A regia visita a Guimarães.

—Foi ali nomeada uma commissão central promotora dos festejos, que ficou composta dos srs. conde de Margarida, visconde do Paço de Nespereira, dr. Meira, João Dias de Castro, Pedro Guimarães, Eduardo Almeida e abbade de Tagilde. Esta commissão reuniu-se na casa da Assembleia Vimaranesense e nomeou diferentes commissões, que em cada uma das ruas promovessem festejos, e outra, constituida dos srs. dr. Meira, dr. Avelino Guimarães e abbade de Tagilde, para elaborar o programma do cortejo civico, que ha-de realisar-se por occasião da inauguração da estatua de Affonso Henriques, no dia da visita regia, talvez a 18 do corrente.

Eis o que por emquanto está decidido: adorno dos largos e ruas da cidade; inau-

guração do monumento ao fundador da monarchia, para o que já se trabalha n'um elegante pavilhão destinado á familia real e convidados; oito ou dez musicas postadas em diferentes pontos, innumeradas girandolas, illuminações soberbas, etc.

Espera-se ainda conseguir que o sr. ministro das obras publicas proponha tudo a tempo de que SS. MM. lancem a primeira pedra para o edificio das escolas professionaes.

SS. MM. hospedam-se em casa do sr. conde de Margarida.

A camara concorre em 1:000\$000 para os festejos e inicia-se uma subscrição pela commissão central, alem das subscrições parciaes das diferentes commissões de ruas. A direcção da Associação Commercial resolveu subsidiar com 90\$000 a commissão filial, que se nomeou para adorno do Toural e rua de Paio Galvão.

Livraria Archivo Juridico.—

A importante livraria Archivo Juridico acaba de publicar a lei sobre o serviço militar obrigatorio e pessoal. Agradecemos a offerta, e chamamos a attenção dos nossos assignantes para o annuncio d'esta livraria.

O almoço de um elephante.

—Ha dias, o enorme elephante do Circo Olimpico de Londres conseguiu de machã escapular-se do pateo onde costuma permanecer antes de entrar em funcção. Passando rente d'uma casa vizinha do Circo, e vendo aberta uma janella, introduziu tranquillamente a sua tromba, e começou a apoderar-se de tudo o que lhe ficava á mão, queremos dizer, á tromba.

O descommunal elephante comeu o seguinte: doza frascos de compota, tres de conserva, ameixas, um pão de assucar, e, como sobremeza, um relógio de porcelana.

THEATROS

Baquet.—Continua atrahindo grande concorrência de espectadores a encantadora opereta *Coração e Mão*, sendo muito festejados o actor Bensaude e Dorinda Rodriguez.

Recreios.—Brevemente terá logar n'este theatro, a inauguração da epocha de que é director o distincto actor Taveira, com o drama maritimo de grande espectáculo em 1 prologo 3 actos e 7 quadros *O Filho da Noite*.

Chalet.—N'este elegante theatrinho, em seguida ás representações da *Vivandeira* e a *Coroação da Gran-Via*, tem-se feito ouvir, executando lindos trechos de musica, o afamado violinista D. Raphael Torts, sendo muito applaudido.

N. A.

entre os seus braços amortalhando-a de beijos, fitando o seu vulto pujante de voluptuosidade encastellava porvir sobre porvir, sonhava um futuro recamado de rosas e arminhos, fallando-lhe com a rude franqueza d'um amigo sincero!

Ella fallava-me d'um nome para si, que á custa de muita vigilia eu procurava tanto mais ridente quanto era o fogo de amor, que me escaldava o peito. Ella era o iman que me atrahia, que me prendia a si.

Em pouco tempo dominou a minha amante a vaidade e a sede da riqueza, e eu tinha de meu o muito amor que lhe devotava, alguns cadernos de papel, uma garrafa de tinta, uns tristes cantos que dedicava e uma modesta mezada, que a familia me dava para concluir o meu curso.

Que decepções soffri então, ora motejado pelo meu ideal, que recebia os meus cantos entre gargalhadas alvares, ora lendo-lhe uma descrença glacial, quando fallava d'amor e do nosso glorioso porvir!

Um dia recebi uma carta sua—o ferrê-te da desillusão!—em que me fallava de dinheiro, rematando, desdenhosa, as relações que nos estreitavam. Não me abalaria tanto um raio que me fulminasse; não obstante, enchi-me de valor, arrotei contra a dor que me dificultava até a respi-

ração, e tentei um impulso ousado, que fascinasse a minha amante—uma viagem á Africa. Na vespera da minha partida re-li todas as suas cartas. Ah! caro Armando, quantas vezes sustive a leitura, embargado pelo pranto! Como tudo me parecia um sonho, uma chimera que se esvae como uma espiral de fumo! Depois, quimeias uma por uma, sentindo uma saudade infinda das horas de prazer que ella me proporcionou, conservando sómente os meus myrrhados miosotis como indelevel lembrança do melhor momento que passei junto d'ella, e como prego de coragem nas horas que a fadiga me prostasse.

A dicção não tem phrases com que possa contar-te as luctas e os perigos deante dos quaes me vi, no praso de dez annos que mourejei sob o calor tropical da Africa. A cada momento me fraquejavam as forças—ora no meio do deserto, prostrado, sem uma gotta d'agua com que mitigar a sede, ora extenuado pelo excessivo trabalho que sobraçava noite e dia, ora perdido no meio da floresta rodeado de feras que se debatiam no meio de rugidos cavernosos. Mas tudo venci, porque o desejo de possuir a mulher que ateu em mim um affecto inabalavel, era a voz do general que rouquejava no meio da campanha.

No fim de dez annos voltei á minha pa-

tria senhor d'uma modesta fortuna, a procurar a mulher que me odiava quando pobre, a dar cumprimento á ventura que sonhara. As gazetas da localidade noticiaram a minha chegada, alcunhando-me de millionario e heroe d'um facto benemerito praticado nos sertões africanos. Procurei a minha amante, que me affirmavam ser a protagonista de varios *D. Juans*, e a quem sensibilizou a minha volta ao lar que me viu nascer.

Pedi-lhe uma entrevista n'um d'aquelles logares onde muitas vezes me vi a trasbordar de alegria, a que accedeu sem preambulos. Ah! vi-a curvada deante de mim, pedindo perdão para as suas culpas, que tanto me definharam, debulhada em lagrimas. Então, senti em mim uns calefrios, uma nevrosite horrivel e, impregnado d'um mixto d'odio e amor, tomei d'um punhado de oiro, dizendo-lhe: a sede da riqueza e a vaidade dominaram-te, ah! ah! tens!—e arremessei-lho aos pés...

Não me recordo do que seguidamente se passou, dizem que a minha allucinação foi suffocada por uma syncope e que ella, a minha amante, fugira horrorizada. Pouco depois jazia agonizante e hoje... hoje, amigo Armando, dorme o somno eterno... morreu!...

Eis a minha epyrestalica, o remorso da morte d'ella porquem, para possuir um

só momento, luctei muitas vezes entre a vida e a morte, e á campa de quem ainda hoje vou desfolhar florinhas orvalhadas de pranto! Eis o que me atrophia e mata, a minha cruz... e o tope do Calvario talvez ainda muito distante!

Em fitando aquelles miosotis de triste memoria, nem sei como tento forças para resistir a morte!... Quizera ser rude, como uma lagea para não saber comprehender um affecto! O' rudeza como muitas vezes és sublime!—e cahiu nos braços de Armando, pranteando se como uma creança.

—Pobre amigo!... No teu passado, Carlos, existe uma nodoa escura, é verdade, mas és generoso, dotado d'um coração sublime e a tua culpa tem um perdão, dá-a por espida...

E ficaram silenciosos, revendo-se um no outro.

.....
O sol, chegando ao seu occaso, tingia de sangue o vasto firmamento; os casebres, que se erguiam aqui e além, coavam pelo derrocado telheiro densas columnas de fumo. Anoitecia.

Porto, 1887.

Custodio Guimarães.

SCIENCIAS E LETTRAS

A NUVEM

Estendido na relva, cabeça voltada para o ceu, n'essa deliciosa, preguiça, que ainda não é o somno, mas que já participa do sonho, fumava com os olhos semi-cerrados.

O que eu metterá no cachimbo, não fora tabaco de França, nem tabaco do Oriente. Não, deitara-lhe dentro as minhas saudades e as minhas esperanças, os beijos de hontem e os beijos d'amanhã, todos os meus sonhos, os que ficaram por realizar, os que talvez venham a realizar-se amanhã, toda a minha alma sempre propensa ás chimeras, e do cachimbo sahia um fumosinho que subia, se espalhava, vaporizava, desaparecia. E eu dizia para comigo: «Os meus sonhos em que elles se tornaram!»

Depois, melancolicamente, fui perdendo o accordo e adormeci. Quando reabri as palpebras, o céu, inundado de sol resplandecente do meio dia, enchia a atmosphera de luz; no fundo limpido e azul, esfarrapando-se umas nuvensinhas vermelhas e douradas.

Um das dessas nuvens, menos afogueada mais macia, um pouco rosada, um pouco pallida, e que especialmente attrahia o meu olhar. E ia subindo, subindo devagarinho, resolutamente. Seguia-a com os olhos e com o pensamento n'essa sua ascensão para as paradisiacas glorias do sol; e adorava-a! porque advinhava, porque sabia que essa pequenina nuvem se formara do fumo do meu cachimbo, do fumo d'esse cachimbo onde eu deitara as minhas saudades e as minhas esperanças, os meus sonhos, e a minha alma inteira!

Catullo Mendès.

Se eu pudesse reaver intactamente,
oh lubrica traidora,
a carta onde esbocei o affecto ardente
d'esta alma sonhadora...

Ou se este meu sigillo transcendente,
—vaga illusão d'outrora
que ia ascendendo em mim de levemente
qual a luz d'uma aurora,

se evolasse de tua mente eivosa,
como uma ondina breve e vaporosa,
em longas espiraes...

Era ditoso!—Não sei truão informe
que te embale no mar ingente, enorme
d'infames saturnaes?!

Porto, 1887,

Custodio Guimarães.

SAUDADE

(A MEU PAE)

O' mocidade, é tempo d'alegrias,
O' quadra de illusorias esperanças,
Doce aurora dos meus risonhos dias,
Mar tranquillo perenne de bonanças!

As tuas adoraveis phantasias,
—Esse poema de venturas mansas—
Aéreas, transparentes, fugidias,
Puras como o sorriso das creanças,

Desfizeram-se em longas espiraes
E voaram e não voltaram mais,
Atravessando a azul immensidade.

E agora em vez das tuas vans chiméras
Feitas de luz e sol e primaveras,
Germina no meu peito—a saudade.

veiro, 3-10-87.

João da Cunha.

A CICATRIZ

(Conclusão)

Um tiro resoou, seguido de um grande grito, depois um silencio! A pequena porta do jardim abriu-se com um impeto e alguém fugiu na escuridão da noite, sem se voltar; uma mulher cahiu de encontro a uma arvore soltando um gemido surdo, ao mesmo tempo que um homem lhe travava dos pulsos e a arrastava.

Entraram ambos no boudoir forrado de setim crême, o elegante boudoir onde ella ouvira tantas palavras ternas, onde permittira tantos gestos apaixonados; elle atirou-a para um divan, o marido ultrajado, e como um animal furioso, bateu-lhe com os pés, com as mãos, cerrando os dentes, sem fallar.

Ella não gritou! com as suas maravilhosas mãos, com as suas mãos flexiveis, de dedos curvos como o arco do amor e que parecem modeladas em marmore rosa, diligenciou cobrir o rosto, mas as pancadas choviam sobre essa bocca adoravel, tepida de beijos, sobre esses cabellos tão finos que um sopro fazia voar como plumas, sobre esse corpo descido do Olympo em uma nuvem; as bofetadas orvalhavam de sangue essas faces semelhantes a pecegos maduros, e quando lhe faltaram as forças para bater, pizou-a aos pés; feriu-a com o tacão da bota; por ultimo cuspiu-lhe na face a ignobil injuria, e fugiu deixando-a humilhada, morta!

Depois d'esse dia, a duqueza adora o homem, que é seu marido, e que nunca mais tornará a ver; a sua alma ulcerada deu-se áquelle, cuja colera de Titan agitou todas as fibras do seu ser; nunca, nem um só momento, se lembrou do cobarde amante fugindo nas trevas da noite; estende as mãos supplicantes para esse esposo que não se dignou matá-la, e em longas orações murmuradas no oratorio, pede a Deus que lhe seja dado vel-o ainda, uma vez, uma unica, para se prostrar aos seus pés, beijar-lhe os joelhos, n'um grito de paixão ardente, invencível, fazer-lhe comprehender a sua dor e o seu eterno amor.

Mostrar-lhe-ha a cicatriz que esconde sob os frizados de ouro, elle comprehenderá que depois da sua partida n'essa horrivel noite, ella tentou quebrar a cabeça contra o marmore do fogão, e perdoará, —talvez! a duqueza permanece amortalhada em vida n'essa ternura inextinguível, e morrerá soberba e altiva, recusando todas as consolações, morrerá de amor por apuelle que ella tem o direito de amar, por aquelle que a não pôde amar!

Jeanne Thilda.

POBRE MARGARIDA!

(DE BENITO PUIG)

I

Era uma formosa tarde de verão, d'essas, em que a cor do ceu parece fazer competencia ao matiz azulado dos mares. Uma ligeira brisa, perceptivel apenas, qual ultimo suspiro d'um movimento, destrocava pouco a pouco a superficie da prata, do grande anel do mundo, como se quizesse contribuir, d'este modo, para o maior realce da natureza. Entre as embarcações do porto D... prendia a attenção uma corveta, pelo seu arrogante corte e por se achar em disposição de partir á vela de modo que, uma multidão de curiosos se approximavam da praia avidos de ver se era tão veleira como por seu porte parecia.

Ouviu-se o grito de leva, range na proa a cadeia que levanta a pesada ancora, suspende-a ao costado, o canto da celeuca cessa, e o velame solto, rompe o seu

andar mechendo-se magestosa e galhardamente n'aquelle leito grandioso e insondavel. Pouco a pouco distancia-se do porto e breve os habitantes d'aquelle semipalacio fluctuante terão por sepultura o tempestuoso mar ou por tecto sómente o céu. Já se vêm ao longe os pallidos clarões com que o sol tingiu o occidente d'essa cor vermelha, tenue e triste que annuncia a noite e talvez com ella a tormenta. Em terra, e como um ponto branco, perceptivel apenas, se vê na costa penhascosa a capella do Amparo onde o marinheiro implora a graça da rainha dos mares para navegar isempto de perigos pelos abysmos por onde cruza a sua fragil nau.

Cessa a bórdo a faina, á anterior alegria succede a tristeza, o canto e a vozeria trocam-se pelo silencio, e junto á antenna, e sem separar um momento da praia o seu olhar vê-se um joven, em cujo semblante se advinha um pesar e funda tristeza.

II

E' essa, a hora ultima do dia em que languidamente desmaia o sol no occidente; alguns dos curiosos permanecem na praia contemplando a veleira nau que se distingue como um ponto que vae annullando-se em magitude pouco a pouco, converter-se para a vista no nada, ao perder-se no horisonte.

Na praia sobre uma rocha vê-se uma joven que contempla o mar com profunda pena, com grande tristeza, como se arrebatasse algum apreciado thesouro, algum objecto querido,

Esta joven, formosa e pura, qual roza louçã, era conhecida na comarca pelo sobrenome de Perola, e, que de particular tinha que de tal modo a appellidasse o vulgo se á sua belleza reunia uma grande virtude e á sua pureza uma devoção á prova?

Volta em si da meditação em que se achava possuida, rebusca com afan no seu peito uma prenda, que beija e beija com crescente fervor, como se fosse aquelle estimadissimo talisman a esperança extrema, para o seu dolorido coração.

Pobre jovem, o que as suas convulsas mãos com força apertam, e os seus labios beijam é um bocado de panno onde se acha gravada a imagem da Virgem do Amparo.

III

Começa o vento a zumbir com grande força, os relampagos illuminam o espaço, os trovões succedem-se com outros intervallos, e na ermida, perto da joven, parece ser o seu sonido mais lastimoso, mais dolorido, como se quizesse juntar o seu clamor ao da joven auxiliar com o seu poder aquella voz, e assim, em estreito laço, levar o ecco d'aquelle prece ás alturas, do throno onde o Creador tem seu assento.

Pouco a pouco vae passando a tormenta, as palavras da joven resoam lastimosas no alto silencio da abobada e vae perdendo-se tristemente a sua prece, como a refrega que n'um momento desaparece sem deixar vestigio do seu caminho, qual suspiro exhalado de dolorido coração que leva a aura.....

Além vae a pobre nau combatida pela tormenta que ameaça sepultá-la no abysmo, mas o marinheiro, sereno, valente, e audaz, não se lembra que é talvez a morte o premio dos seus trabalhos não repara no grandioso poder da tormenta, e que é o seu destino achar-se sempre em luca com os desencadeados elementos.....

IV

Amanhece o dia, e dando passagem á luz o negro veu da noite, deixa ver um ceu pintado de arrebol, alli, n'aquelle espaço immenso, o sol enviado a sua clara e potente luz sobre a terra. O mar então

parece, como que arrependido do seu passado alarde de bravura e a natureza esplendida e bella parece contemplar a terra dolorida pela tempestade passada. Emquanto isto succede o lavrador apresta o seu arado para cultivar a terra, ouve-se o seu canto resoar nas montanhas, escuta-se o ranger da pesada carreira que avança pela *corredoura*, desata o pescador o seu batel da ribeira, e todos, natureza, céu, terra, agua e homens em grandioso conjunto parecem elevar um hymno de graças ás alturas.

Só uma pessoa, só uma, parece não participar d'aquelle dita. E' a Perola com o rosto no qual se advinha fundo pesar, dirige-se pelo pedregoso caminho da ermida, beijando o escapulario já bem regado com as suas lagrimas. Perto do santuario junto á rocha, cujo pé é beijado pelo mar, distingue-se um volto branco. A joven percebe-o, detem-se um momento, avança, vacilla, e de repente, como se um terrivel presentimento a assaltasse, corre para elle impellida pelas azas que lhe presta a desgraça.

Chega, vê-o, reconhece-o, exhala um grito lastimoso, agonisante grito de agonia, e cae desamparada, como ferida por um raio, sobre aquelle inanimado corpo.

Pobre Margarida! Era o joven marinheiro, era o seu amante! Volta a si e com forte ancia exhala um ai lastimoso, um queixume de morte e posta em pé, perante aquelle corpo, parece um espectro, uma visão, com o rosto ensanguentado, ao ar os cabellos desgrenhados e um olhar que espanta, triste e extraviado. Em breve como impulsada com irascivel despeito, toma o escapulario, e dirigindo um atterrador olhar para a ermida, rompe-o, despedaça-o e arroja-o ao chão prorompendo n'uma horrivel gargalhada.

Desde então, todos os dias, á mesma hora, quando a noite começa a estender o seu funebre crepe sobre a terra, a essa hora melancolica e triste em que o sino faz soar o mysterioso toque da oração, quando o camponez detem a sua marcha, com tradicional respeito se descobre e murmura uma prece, a essa hora se vê, não, longe da ermida do Amparo, ao pé da praia, sentada junto a uma rocha, uma mulher, que de quando em quando interrompe a magestade d'aquelle silencio com uma formidavel gargalhada.

Pobre louca!! Pobre Margarida!!

Antonio F. Campos.

N'UM THEATRO

A D. MARIA JOSÉ PEREIRA REZENDE

A noite era festiva: em ondas de harmonia
Libravam-se no espaço os cantos maviosos;
E ás brandas vibrações da suave melodia,
Arfavam docemente os seios voluptuosos...

Bustos esculpturaes, rostos alabastrinos,
Ostentavam perfis de sylphides aéreas;
E o jubiloso olhar de brillos diamantinos,
Gerava commoções suavissimas, ethereas!

Troava no recinto o fremito das palmas.
Cruzavam-se no espaço ardentes ovações;
E o vivo prazer, inebriando as almas,
Dava um pulsar vehemente áquelles corações.

E no entanto, atravez do ruído delirante
D'aquelle animação, de toda aquella vida,
Soltava tristemente a nota discordante
Uma harpa que gemia, ignota e dolorida!

Era a minha alma triste, extatica e magoada,
Que, em vivas commoções de atroz melancolia,
Pairava nas regiões da vida immaculada
Estranha ás sensações febris d'essa alegria,

—E' que eu vira surgir além, na minha frente,
Mas longe, muito ao longe e em páramos de luz,
A rainha gentil d'aureola refulgente,
—A joia scintillante e rara que seduz!...

Alberto da Rocha.

ANNUNCIOS

PROFESSOR

Offerece-se um com longa pratica de Francez, Introdução e Mathematica, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios e tambem lecciona em collegios.

Dirigir carta com as iniciaes A. M., a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

TABELLA DOS EMOLUMENTOS DAS

Juntas geraes—Secretarias das camaras municipaes; governos civis; administrações dos concelhos e commissariados de policia—Juntas de parochia—Regedorias e tribunaes administrativos: acompanhada de um **Appendice** contendo toda a legislação relativa ao Codigo Administrativo, publicada posteriormente.

Preço, 420 reis

Livraria Archivo Juridico, de A. G. Vieira Paiva, editor, Bomjardim, 76—Porto.

JORNAL DAS SENHORAS

FOLHA LITTERARIA, MENSAL

DIRECTORES

MANOEL DE MOURA E DANIEL D'ABREU JUNIOR

Colaborado por escriptores de merecimento

ASSIGNATURA

Anno 600

(Pagamento antes de ser publicado o segundo n.º)

Os primeiros 40 assignantes receberão como brinde, juntamente com o n.º 2, um exemplar da «Versão da Fabula de Narciso», poemeto de Luiz de Camões, devida á penna de Manoel de Moura.

O 1.º n.º sahirá muito breve. Desde já se recebem assignaturas na redacção, rua do Vasco Gama, Foz do Douro e na rua do Loureiro n.º 58—Porto.

A JOIA

Revista quinzenal litteraria, dedicada ás damas vimearanenses. Assigna-se em Guimarães, rua das Lameiras, 37.

SERVIÇO MILITAR

OBRIGATORIO E PESSOAL

APPROVADO POR CARTA DE LEI DE 12 DE SETEMBRO DE 1887

COM AS TABELLAS DAS ISENÇÕES

PREÇO 400 REIS

Pelo correio franco de porte

LIVRARIA ARCHIVO JURIDICO, de A. G. Vieira Paiva, Bomjardim, 67, Porto.

ALVES MENDES

DISCURSO

NAS

SOLEMNISSIMAS EXEQUIAS

DE

FONTES

A' venda no deposito geral Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6, e nas principaes livrarias tanto do Porto como de Lisboa e provincias. Preço 400 reis; pelo correio 440.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Eraneo em Belem

Precioso alimento reparador, excellente tonico reconstituinte; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradável e utilissima para falta de appetite, doenças de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem e nas principaes pharmacias.

CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vende-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.

PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

FERREIRA & IRMÃO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burggraave, sedlitz Chanteand e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabello, copos de quassia. Extracto de carne de Liebig Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em em estojos para preço desde 35000 a 305000, podendo modicar se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias molestias d'olhos, e para extrahir os dentes. Forcaps, especluns variados, aparelhos d'Esmarch, machinas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injeções subcutaneas, thermometros clinicos, steloscopios etc., etc. e estojos vasios. Aparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e creanças: ditas sem mola especiaes para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditos e fundas para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os ó meismos. Meias elasticas de linho, algodão e seda, compé e sem pé até ao joelho, cxa e veriha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escudos e espheras para fonticulos; urinoes de diversas formas; bonets para gelo, passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeções e clysteres, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Puerisadores para pós e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinceis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de formas muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 1 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, areometros, alcoometros, densimetros pesa-mostos, barometros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, balões tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

Porto—Typographia da Empreza Litteraria e Typographica, rua do Almada, 348.

AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

MAYA & C.ª

GERENTE

José Antonio Pereira Maya

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitaes. Compra e venda de predios, e de papeis de credito; emprestimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto. Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, agravos, e recursos de revista, e de todas as acções commerciaes, civis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forenses e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 réis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 15000, 15200, 15500, 15800, 25000 e 35800 a garrafa

MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO

Douro Clarete, 160 réis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sobremeza	(garrafa) réis	220
Douro, sobremeza, secco	» »	200
Douro, meza, claro	» »	160
Douro, meza, secco	» »	140
Douro, natural	» »	100
Vinho alimentar	» »	80
Minho clarete	» »	80

PREÇO SEM GARRAFA

237—Rua de Sá da Bandeira—239